

OLAVO BILAC E AS DIVERSÕES SUBURBANAS: A PROJEÇÃO DE UMA GEOGRAFIA MORAL CARIOCA (1904-1906)

Recebido em: 12/03/2017

Aceito em: 09/11/2017

Nei Jorge dos Santos Junior
Faculdade Machado de Assis (FAMA)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: Neste texto, faremos o esforço de, através de um exercício historiográfico, pensar alguns significados atribuídos às manifestações da “cultura popular” nos arrabaldes dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, a base de nossa argumentação se estabelece na tentativa de compreender as representações criadas pelas crônicas de Olavo Bilac, que não somente desqualificavam como também estereotipavam as práticas de lazer da região arrabaldina. Quanto ao recorte temporal adotado (1904-1906), levou-se em conta os textos produzidos na Revista *Kosmos*, entre os anos de 1904 a 1906, período em que o autor teceu diversas críticas às formas de diversão suburbana, buscando redefinir usos e costumes considerados inadequados aos padrões daquilo que se julgaria civilizado.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Dança. Meio Social.

OLAVO BILAC AND THE SUBURBAN AMUSEMENT: THE PROJECTION OF A CARIOCA MORAL GEOGRAPHY (1904-1906)

ABSTRACT: In this text, we will make the effort, through a historiographic exercise, to think some meanings attributed to the manifestations of “popular culture” in the suburbs of the city of Rio de Janeiro. The representations created by the chronicles of Olavo Bilac, which not only disqualified but also stereotyped the leisure practices of the suburban region. Took into account the texts produced in the Revista *Kosmos*, between from 1904 to 1906, a period in which the author made several criticisms of the forms of suburban entertainment, seeking to redefine customs considered inadequate to the standards of what was considered civilized.

KEYWORDS: Leisure Activities. Dancing. Social Environment.

Introdução

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a cidade do Rio de Janeiro viveu uma efervescência cultural, marcada por intensos debates em torno da

civilização e da modernidade. Concebida, acima de tudo, pela expressão da variedade, dinamismo e da complexidade de seus pares, a antiga Capital Federal caminhou sob a esteira do crescimento industrial e da urbanização da sociedade, desdobrando-se em uma “determinada ideia de lazer” que chegava à cidade como mais um símbolo dos novos tempos (MARZANO; MELO, 2010, p. 14).

Neste cenário, repleto de transformações, em que as influências do cosmopolitismo conviviam com elementos das tradições populares, crescia significativamente o número de associações e atividades ligadas ao lazer. Fossem em espaços privilegiados para a prática da dança, esportes e atividades de entretenimento, ou, até mesmo, nas agremiações e ruas localizadas nos arrabaldes suburbanos, é notável o crescimento massivo nas primeiras décadas do século XX (SANTOS JUNIOR, 2017). A cidade contava aproximadamente com um número de 1.600 associações que se autodenominavam dançantes, esportivas, carnavalescas e, em menor número, culturais e educacionais, demonstrando que o hábito de associar-se já fazia parte de uma tendência facilmente observável no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX (FONSECA, 2008).

Contudo, por maior que fosse a composição de novas sociedades e o interesse que tais práticas passavam a assumir no cotidiano das mais variadas esferas sociais, não deixava, porém, de ter seus matizes e gradações de acordo com a região na qual se manifestava. Na verdade, tratava-se dos desdobramentos de uma “estratificação social do espaço”, que tinha na expansão da cultura popular uma posição política e simbólica (ABREU, 1997). De um lado, sociedades com “festas tradicionalmente elegantes” que atraíam “o que de mais fino possui a sociedade do Rio”, na sua maioria localizados na Zona Sul (VIDA, 1920, p. 6.). De outro, as festas de rua e os grêmios suburbanos e

proletários, sem qualquer refinamento onde predominavam, entre seus sócios e frequentadores, negros, brancos pobres e mulatos. Exemplos desta percepção associativa que expressou a distinção desses encontros foram habilmente captadas em crônicas de Olavo Bilac. Vamos seguir junto ao poeta parnasiano em sua incursão de considerações, buscando compreender a estratificação socioespacial através dos seus olhos, que não somente desqualificavam como também estereotipavam as práticas de lazer da região suburbana.

Quanto ao recorte temporal adotado (1904-1906), levou-se em conta os textos produzidos na Revista *Kosmos*, entre os anos de 1904 a 1906, período em que o autor teceu diversas críticas às formas de diversão suburbana, buscando redefinir usos e costumes considerados inadequados aos padrões daquilo que se julgaria civilizado. Acreditamos que é justamente nesse momento que se registra na consciência intelectual a ideia do desmembramento da comunidade carioca em duas sociedades antagônicas e dessintonizadas, devendo uma, claramente, prevalecer sobre a outra (SEVCENKO, 2003).

A Geografia Moral da Cidade

“Nós somos um povo que vive dançando”, escreveu Olavo Bilac, sob o pseudônimo de “Fantasioso”, em crônica publicada na *Kosmos*, em maio de 1906 (BILAC, 1906a). No texto, o autor descreve uma cidade fragmentada, na qual passava a ser lida através dos corpos e do comprometimento entre seus frequentadores. Foi através desses corpos dançantes que o cronista criou uma cartografia moral da cidade, tomando-os como indicadores de culturas e pertencimentos sociais.

Ainda que fizesse questão de afirmar que “a dança é, sempre foi, e sempre será, um divertimento universal”, Bilac deixava claro em sua geografia sociorracial a naturalidade dos bailados no bairro de Botafogo, até então reduto privilegiado da aristocracia, em contraposição às danças executadas nos bairros suburbanos habitados por trabalhadores (BILAC, 1906a). Para o poeta, as manifestações corporais populares, por meio de festas ou bailes, seriam uma “preocupação característica da vida carioca” (BILAC, 1906a). E por essa razão, tornava-se possível estudá-las e classificá-las – “por ordem de bairros” e “danças preferidas da população” –, a fim de estabelecer uma geografia moral da cidade (BILAC, 1906a).

Assim, cada bairro teria a sua própria dança, sendo esta uma “fisionomia característica, rigorosa e inconfundível” (BILAC, 1906a). Essa perspectiva se mostrava tão presente em sua análise a ponto de afirmar que, mesmo se conduzido de olhos vendados para qualquer bairro da cidade, se tirada a venda, saberia identificar, no ato, o local em que se encontrava pelo simples exame dos dançarinos (BILAC, 1906a). Em outras palavras, a visão constituía-se como referencial básico de sua orientação, classificando, de acordo com o bairro, a “geografia moral da cidade”. Por essa razão, vamos acompanhar o cronista em seu passeio pelos bailados na cidade do Rio de Janeiro. Afinal, como sustenta Bilac, na cidade carioca, “a dança é mais do que um costume e um divertimento: é uma paixão, uma mania, uma febre” (BILAC, 1906a).

No primeiro ambiente, representado sob os ideários da fidalguia carioca, “a dança é serena, majestosa, parecendo um ritual religioso” (BILAC, 1906a). Amortalhados por casacas negras, os cavalheiros severos parecem sacerdotes; as damas, arrastando caudas de rainha, parecem cumprir uma obrigação cultural. Nesse lugar, “os gestos são solenes e medidos, as mãos, apenas se tocam, e os pés arrastam-se sem

barulho” (BILAC, 1906a). As contradanças lembram as danças fúnebres dos antigos romanos, fruto de alguns de alguns bocejos.

Nos intervalos, as conversas seguem num tom entusiasta, valorizando os novos costumes em contraposição às ideias e práticas culturais estariam, em geral, “fora do lugar”. Para os cavaleiros: “O Rio de Janeiro progride: o Progresso é uma lei fatal” (BILAC, 1906a). Já as damas, num tom romântico, falam sobre romances ou dos últimos eventos do Instituto de Música. Estamos no bairro de Botafogo, espaço dos velhos casarões, vilas e mansões que remetiam a sofisticada e aristocrática sociedade carioca do período, assegura-nos o autor.

Figura 1



Fonte: *Kosmos*, ano III, n. 5, maio, 1906.

O segundo cenário apresenta mudanças, não há carros à porta, como em Botafogo. Aqui, o “bonde impera, impera a democracia” (BILAC, 1906a). Além disso, não se avistam casacas negras ou caudas de rainha nos vestidos. Na verdade, há

“esmomkings”, uma espécie de transição entre a nobreza e plebe. As damas têm a barra da saia curta e redonda, deixando liberdade para os volteios e as mesuras do *pas-de-quatre*.

A dança nada tem de cerimônia: é prazer. Os corpos ainda não se aproximam, mas, no aperto das mãos, já há uma franqueza. Estamos na Tijuca, Andaraí e Engenho Velho, informa Bilac.

Figura 2



Fonte: *Kosmos*, ano III, n. 5, maio, 1906.

O outro cenário é bem distinto, notadamente comparados aos bailados de Botafogo ou até mesmo do Engenho Velho. “Queres começar a ver dançar *à la bonne franquette*”, questiona Bilac? Vamos ao bairro do Catumbý! Adeus às formalidades. Adeus às cerimônias. Tocam-se os corpos, enlaçam-se os braços, aproximam-se as

faces. O espaço se transforma, a sala deixa de existir, os outros pares desaparecem, tudo se apagada e se desvanece (BILAC, 1906a).

A música chega aos ouvidos do casal “como um eco longínquo da harmonia do céu” (BILAC, 1906a). A valsa transforma-se em “prazer”, tomado pela “delícia” do momento.

Figura 3



Fonte: *Kosmos*, ano III, n. 5, maio, 1906.

Mas saiamos... vamos à Cidade Nova, o reino do *maxixe*.

O bairro representa um mundo novo, onde a quadrilha foi banida, sustenta o poeta (BILAC, 1906a). Nessa região, o maxixe não é contestado. Para esclarecer, Bilac afirma: A Espanha, por exemplo, tem o *bolero* e a *cachuca*. Paris tem o *chahut*. Nápoles tem a tarantela, Já Veneza possui a *forlana*. E, por fim, Londres tem a *Giga*. E a Cidade Nova não lhes inveja essas riquezas, porque possui o *maxixe*. Aqui os corpos não apenas se tocam: colam-se. As mãos dela pesam sobre os ombros dele, como um estojo

apertado que anseia a cintura dela (BILAC, 1906a). As faces ficam em êxtase, com um sorriso nos lábios, os dois parecem na mesma árvore, dois galhos, no mesmo galho, dois frutos.

Figura 4



Fonte: *Kosmos*, ano III, n. 5, maio, 1906.

Vamos ao bairro da Saúde. Para Bilac, nos bairros pobres, “a dança é uma fusão de danças, é o *samba*, – uma mistura do *jongo* e dos *batuques* africanos, do *canna-verde* dos portugueses, e da *poracé* dos índios” (BILAC, 1906a). Metáfora da nossa formação, o autor prosseguia “as três raças fundem-se no *samba*, como n’um cadinho”. No “*samba*” desapareceria o conflito das raças. Nele se absorvem os ódios da cor. “O *samba* é – se me permite a expressão – uma espécie de *bule*, onde entram, separados, o café escuro e o leite claro, e de onde jorra, homogêneo e harmônico, o híbrido café com leite”, escrevia o literato, em alusão às danças realizadas nos bairros pobres da cidade (BILAC, 1906a).

Figura 5



Fonte: *Kosmos*, ano III, n. 5, maio, 1906.

Claramente, Bilac se mostra como agente central na construção de representações sociais sobre as agremiações do subúrbio da cidade. Dessa forma, o autor constituía a visão como referencial básico de sua orientação, afirmando que cada bairro teria a sua própria dança e que esta serviria como fisionomia inconfundível (BILAC, 1906a). E foi justamente com essas atribuições que o discurso produzido por Bilac perpassava pela objetividade e subjetividade, colocando os clubes não só como espaço de trocas e sínteses culturais como também a própria capacidade de conagração racial e cultural presente no corpo sensual do popular que, por meio dessas agremiações, mostraram-se capazes de fundir os mais diversos ritmos e etnias.

Adepto do cosmopolitismo e da civilização como um símbolo de aspiração lato, Bilac acreditava que outros aspectos também conjurariam em prol da evolução urbana e profilática da cidade e, conseqüentemente, da nação. Na verdade, o poeta buscava questões do cotidiano que contribuiriam para um melhor desenvolvimento social da população, não restritos às melhorias na infraestrutura, mas, sobretudo, na higienização

das práticas de lazer da população pobre da cidade do Rio de Janeiro. Vejamos, por exemplo, uma demonstração de Olavo Bilac utilizando-se de seus escritos na tentativa de acelerar o processo de “mudanças”, de modo a convencer e mobilizar a opinião pública em favor do moderno. A propósito, esse último ponto norteará a vasta produção do poeta, pois seus manuscritos militavam intensamente nessa conjectura de transformações, dando curso às mutações que ocorriam, e, por conseguinte, desempenhando uma clara funcionalidade social e civilizadora.

A Festa da Penha por Bilac

Consciente que “atacar as tradições (e principalmente as tradições religiosas)” seria um “ato de ousadia”, Bilac não se intimidou. Para ele, “há tradições grosseiras, irritantes, bestiais, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a Civilização”, entre elas, “a ignóbil festa da Penha, que todos os anos, neste mês de outubro, reproduz no Rio de Janeiro as cenas mais tristes das velhas saturnais romanas, transbordamentos tumultuosos e alucinados dos instintos da gentalha” (BILAC, 1906b).

A festa, instituída no bairro da Penha, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, teve seu início no final do século XVIII. Organizada num primeiro momento pela comissão de festejos da Irmandade da Penha, transformou-se rapidamente numa das principais alternativas de divertimento popular, com “missa solene, as cerimônias de bênção e as barraquinhas de prendas, jogos e comidas, a que se juntaria o ritual e o espetáculo do cumprimento de promessas que faziam penitentes infatigáveis subir os 365 degraus que levam ao santuário” (BILAC, 1906b).

Ao passar dos anos a festa tomava ares e manifestações socioculturais distintas – rodas de samba, as batucadas, danças, capoeiristas, as barracas montadas pelas chamadas tias –, sobretudo pelo número de negros, operários, capoeiras e músicos que compunham os festejos. No entanto, o componente religioso não se contrapunha à profana, pelo contrário, visto como um canal de comunicação privilegiado entre diversos segmentos sociais, o cronista do periódico O Paiz descreve a romaria como “um espetáculo maravilhoso pela completa fusão de todas as classes sociais, numa só leva de peregrinos, impelida pelos sentimentos religiosos” (ROMARIA, 1906, p.02).

Figura 6



Fonte: Revista O Malho, 5 de novembro de 1910, p.42.

Em contraposição, Bilac acreditava que essa manifestação popular e religiosa em nada acrescentaria à modernização da cidade, pois afirmava que a cada ano a festa tornava-se ainda mais brutal, “tão desordenada, e assinalada por tantas vergonhas e por tantos crimes” que poderia ser facilmente comparada a “um folgado da idade moderna, no seio de uma cidade civilizada, mas uma daquelas orgias da idade antiga ou da idade

média, em que triunfavam as mais baixas paixões da plebe e dos escravos” (BILAC, 1906b).

De fato, Bilac considerava que no Rio de Janeiro de novas aspirações, metamorfoseado em cidade moderna e civilizada, a festa da Penha não poderia mais compor as horas de tempo livre dos cariocas. Nesse sentido, ter “carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajaezados de festões, e cheios de gente ébria e vociferante, passeando pela cidade” mostrava um descompasso, ou até mesmo “um monstruoso anacronismo”, uma espécie de “ressurreição da barbárie, — era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada” (BILAC, 1906b). Afinal, como bem esclarece Rachel Soihet, no novo universo defendido pelo autor, calcado na razão e na ciência, as crenças e práticas populares constituíam-se em manifestações de atraso e ignorância, nas quais traduziam o epílogo de uma cidade que não se alinhava aos valores da modernidade e deveriam ser expurgadas (SOIHET, 2001).

Carregado de adjetivos, na tentativa de construir uma imagem pejorativa para tais manifestações, Olavo Bilac expõe um dos inúmeros exemplos dos contrastes do Rio de Janeiro na primeira década do século XX: o velho e bárbaro — carroções enfeitados com tecido barato, puxados por burros arreados com flores e folhagens entrelaçados com fitas e carregando gente embriagada — e o novo, civilizado e moderno — a bela Avenida Central, maior símbolo dessa metropolização, a passarela de asfalto polido, com fachadas ricas dos prédios altos e automóveis que desfilavam sua beleza. Além disso, como já visto anteriormente, Bilac também “associa” essa gente incivilizada à violência. Nas palavras do poeta parnasiano, ir à festa da Penha seria “caminhar para o Martírio!” (BILAC, 1906b). Mais do que isso, “ir à Penha é afrontar mil vezes a morte,

— porque todos os desordeiros da cidade se encontram ali, nos quatro domingos da clássica festa, e transformam o arraial numa arena, em que se travam batalhas sangrentas” (BILAC, 1906b). Dessa forma, aos olhos do autor, a cidade deveria ser civilizada e moderna, e para que esse desejo pudesse ser concretizado os trabalhadores de baixa renda não poderiam coabitar esses espaços, pois a civilização estaria ligada aos hábitos europeizados, distante das práticas de lazer vivenciadas por trabalhadores braçais de uma camada social desfavorecida.

Em outras passagens, Olavo Bilac dá indicações ainda mais claras quanto aos desserviços prestados por tais manifestações populares. Ao falar de hábitos característicos de uma cidade colonial, como os “abomináveis cordões”, resquícios culturais de um Rio de Janeiro ainda folclórico, o autor traz consigo uma cidade de “aspecto fatigado e triste, um ar de quem passou a noite na orgia” (BILAC, 1904). Para o autor, mesmo após o período de festas “ainda havia nas ruas, como remanescentes do folguedo carnavalesco, alguns confetes, esquecidos pelas vassouras da limpeza pública” (BILAC, 1904).

De fato, além da entonação emotiva ao se referir à sujeira que tomava conta da cidade há dias, percebe-se, que em nenhum instante, o poeta estabelece elementos para captar a dimensão dos festejos carnavalescos como uma expressão legítima da cultura carioca. Pelo contrário, tinha como objetivo contrastar uma incongruente figura divertida e imoral dos folguedos com uma metáfora da tristeza subsequente à comemoração. Em outras palavras, o contrassenso entre diversão e tristeza se desdobraria no esvaziamento do valor social do tão tradicional folguedo, que ficaria ainda mais explícito na sequência da crônica:

Nós estávamos tão habituados à indisciplina e à desobediência do povo carioca, que este simples fato de ter sido religiosamente obedecida e cumprida uma lei sem protestos e sem conflitos, despertou uma vasta admiração e um profundo pasmo. Não houve entrudo. Houve o clássico e já fatigante carnaval, com as suas nuvens de confetti, com os seus abomináveis cordões, e com os grandes préstitos luxuosos, que são, afinal, como bem disse Artur Azevedo, revoltantes apoteoses do vício... Já é tempo de inventar qualquer coisa nova. Chega a parecer absurdo que ainda se mantenha essa antiga usança de procissões báquicas, escandalosamente ostentando pela cidade, com aplausos de todos, o triunfo insolente das hetairas. Creio que, de todas as cidades civilizadas, o Rio de Janeiro é a única que tolera essa vergonhosa exibição. Em todas as outras capitais, o vício é cultivado e adorado portas adentro. Nada impede que, nos teatros e nos bailes, haja saturnais carnavalescas, em que a folia se exaspere até invadir o domínio da alucinação furiosa. Mas é revoltante que essas orgias transbordem para as ruas, em cortejos eróticos, aos quais, por uma incrível e criminoso tolerância, concorrem as bandas de música da polícia e do exército, com os soldados fantasiados, abrindo o préstito glorificador da indecência e da prostituição (BILAC, 1904, p.03).

Inicialmente surpreso com a obediência da população, pois havia aceitado e cumprido uma lei sem protestos e sem conflitos, Bilac revela que a ojeriza para com as manifestações populares não estava circunscrita apenas ao plano material – ruas sujas, carros alegóricos, confetes ou fantasias – tampouco ao caráter promíscuo e bestial do festejo, cujo cenário foi sintomaticamente comparado às orgias de deus Baco, mas, notadamente, para seus atores sociais, definidos pelo autor como seres indisciplinados, promíscuos e desordeiros. Em outras palavras, expondo claramente o seu menosprezo e insatisfação frente às manifestações populares, pois, nesse período, as avenidas, há pouco tempo reformadas, eram ocupadas por cordões carnavalescos nos quais os foliões, destituídos de qualquer formalidade, submetiam-se à tropel e à folia.

É importante destacar que ao ocupar um lócus privilegiado do processo de diferenciação da cultura, Bilac manuseava criteriosamente as terminologias utilizadas — ao servir-se de expressões como “abomináveis”, “prostituição”, “insolente”, “vício” ou “indecência”, e conduzir em sua narrativa as variações verbais de “tolerar”,

“cultivar” e “adorar” — o literário produziria sua crônica fundamentada em estigmas e representações pejorativas, os quais considerava comuns ao dia a dia dos segmentos menos abastados da cidade.

Contudo, nota-se um olhar sensível e inverso de Bilac quando há indícios de europeização nos festejos realizados por outras esferas sociais. Para o autor, os tradicionais festivais franceses, como o Bouef gras e a Mi-Carême — apesar de clássicas festas populares — “são pretextos para espetáculos artísticos, dignos da admiração e do aplauso de um povo civilizado” (BILAC, 1904, p.03). Na festa da Mi-Carême, por exemplo, há, “além de um intuito artístico, um intuito moral” (BILAC, 1904, p.03). Além disso, todas as operárias da cidade — “gente humilde e pobre, para quem a vida só tem trabalho e desgostos” — elegem uma rainha, sendo esta a representante legítima da corporação, que “precedida e seguida por um longo acompanhamento faustoso de equipagens de luxo, de carros de arte, e de cavalgatas luzentes”, recebe as devidas homenagens da suntuosa cidade da luz, “gozando todas as honras e prerrogativas da sua realeza momentânea e fugaz” (BILAC, 1904, p.03).

Entusiasmado pelos encantos do festejo, Bilac sustenta que há traços peculiares “nessa apoteose do Trabalho, da Honestidade e da humilde Beleza” Para ele, não seria possível algo próximo realizado em solo carioca. Pelo contrário, as festas públicas da cidade “são indecorosas”, entre elas o carnaval (BILAC, 1904, p.03). Dando continuidade, “seria bem melhor que essas exposições se fizessem a portas fechadas. O estruendo era uma brincadeira funesta e selvagem: mas era mais inocente do que a bacanal nas ruas” (BILAC, 1904, p.03).

Nesse contexto, atesta-se a ligação direta entre civilização e modernidade como pressuposto categórico. De um lado, as práticas populares no Rio de Janeiro,

desconexas dos baluartes da moral e dos bons costumes. Do outro, os festejos europeus, fincados por um ideário construtivo que tinha em seu fim a elevação moral dos participantes.

De fato, Bilac expunha a ambiguidade de quem experimenta o próprio processo de metamorfose, fomentando uma modernização estabelecida através de uma intensa distinção hierárquica, na tentativa de assegurar prerrogativas de classe no universo urbano. Embora ojerizada em seus escritos, as práticas populares representavam, além de festas e celebrações, momentos de ruptura e transgressão, pois estabeleciam novas manifestações identitárias, não somente por diferentes performances, mas, sobretudo, por novas políticas culturais e diferentes estratégias de consumo. E por isso, enquanto porta-voz da modernidade, o autor impulsionará valores sociais próprios de uma elite cidadina, corroborando um desejo de cidade profícua para os passeios fidalgos, a vida de requinte. Assim, a narrativa proposta pelo autor possibilitou a composição de um conjunto de “realidades sociais”, permitindo, cotidianamente, por conta do caráter eloquente do boletim mensal, filtrar e tratar os fatos a serem publicados. Afinal, como afirma Nogueira, a revista *Kosmos* não estava no cenário para proclamar os ambientes populares e simplórios — que eram a “pedra no sapato” de uma elite ansiosa por um verniz cosmopolita — e ainda abundantes para uma elite que se queria branca, civilizada e europeizada (NOGUEIRA, 2012).

O estigma para com estes estratos sociais não chega, porém, a constituir uma novidade vivida neste período. Esse tipo de postura era algo recorrente no Brasil, sendo muito próxima àquelas observadas ao se noticiar a “loucura mística” de Antonio Conselheiro, a ignorância e imundície dos moradores dos cortiços cariocas e a subversão e desordem das organizações proletárias (FRANCO JÚNIOR, 2007). No

futebol, por exemplo, os clubes da zona suburbana conviviam com o descaso e o preconceito. Nesse período, era comum ter nas páginas dos principais periódicos da cidade notícias sobre a violência nos campos suburbanos. A grande imprensa, por exemplo, procurava estabelecer restrições às agremiações da zona suburbana. Uma das iniciativas foi a instituição de regulamentos que destacavam a violência e o desserviço prestado ao futebol, como a matéria publicada pelo *O Imparcial*, em fevereiro de 1916, com o título, “o que seriam os clubs... se não fossem esportivos”:

Se o projeto-monstro do Joffrissimo Silvares¹ pudesse dar com o Andarahy em casco de rolhas, este clube democrata e colorido caberia por herança ao simpático e alineático Nico Miranda². Nem poderia ser de outra forma; o Nico velho é troço naquelas luzidas e encarapinhadas cabeças. Aquilo tinha que cair na mão do Nico, quer quisessem, quer não, ou não fosse ele “membro honorário” da *dirigente*. Só haveria um inconveniente, que seria a discussão de um projetinho...mandando dar uns tantos por cento para representação do team, etc., etc. Mas o que é um carneiro para quem tem um rebanho? Nada...Lóóóógo... (BRIGÃO, 1916, p.09).

Tratado com a mesma ironia, o Bangu não fugiria de tal repúdio:

O Bangu operário, selecionável e longínquo, do viu Noel³, velho cansado de lutas e de leituras de longas defesas contra ataques à delicadeza tradicional e incontestado do Leão, se não tivesse sido batizado pelo antialcoolista Procter⁴ com o doce nome de Bangu Atlético Club, só se poderia cognominar o “Palácio dos Suplícios”. Não é alusão ao palácio que Noel projetor para sede da Liga, não! É uma espécie de purgatório, onde os que cobiçam o título de *campeões* carioca, purgam os pecados, deixando a golpes de canelas, o sangue

¹ Alberto Silvares era um dos cronistas da revista Sports, onde assinava suas colunas sob pseudônimo de Joffre. Também foi Presidente do Villa Isabel F.C, além de defensor assíduo da campanha pela necessidade de selecionar os elementos que jogam futebol.

² Nico Miranda era um dos idealizadores e sócios do clube do Andarahy, além de ser cronista do jornal *O Paiz*.

³ Noel de Carvalho foi Presidente do Bangu Athletic Club de 1915 a 1917, além de ocupar em 1917 a Presidência da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT).

⁴ Andrew Procter foi um dos idealizadores do Bangu Athletic Club, ocupando cargos de secretário, tesoureiro e presidente do clube nos anos de 1909 a 1910.

ruim que lhes corre nas veias. Ali é o verdadeiro laboratório onde se pode apreciar a reação de *Wassermann*, tão apregoada. Sangue ruim fica ali, regando aquele solo bendito e expurgador das maldades humanas. Sim senhor, seu Noel, num team de onze homens do S. Cristóvão, trinta atestados de escoriações supercutâneas e esmagamentos de epiderme e seis óbitos e meio. Que team de moças, o do Leão! (BRIGÃO, 1916, p.09).

De fato, o cronista, sob o pseudônimo de João brigão, utilizou-se do subterfúgio literário e estilístico que tinha na crônica um dos seus principais instrumentos: a mobilização de atores sociais em prol da modernização. Fosse através de estereótipos estabelecidos por um recorte sociorracial, ou por uma noção particular de subúrbio – enraizada por estigmas marcados pela estratificação socioespacial da cidade –, o autor utilizava como parâmetro um Rio de Janeiro inventado ideológica e urbanisticamente pelas elites a partir de suas referências europeias, nos quais clubes “democratas” e “coloridos” não poderiam figurar pelos quatro cantos da cidade.

Para Santos Junior, a partir dessa descontextualização e recontextualização, o jornal traduzia sua visão de mundo, impregnado por estigmas que desqualificavam não só torcedores e jogadores, como também o território em que eles ocupavam e habitavam (SANTOS JUNIOR, 2014). Por um lado, se essas ações eram indícios do conflito simbólico que se estendeu por anos no cenário do futebol carioca, por outro, acreditamos que explicitavam a força do *ethos* existente entre torcedores e suas agremiações. Naturalmente, ainda que no interior desses clubes – esportivos ou dançantes – houvesse como substância uma pretensa “evolução” social, buscavam-se ações diferenciadas das propostas idealizadas pelos intelectuais da época, reproduzindo, efetivamente, um conjunto de reações extraídas das agremiações mais abastadas da cidade.

Para compreender como os estereótipos influenciaram diretamente nesse processo, recorreremos aos estudos de Ferrés sobre o tema (FERRÉS, 1998). De acordo

com o autor, os estereótipos são representações sociais, institucionalizadas, reiteradas e reducionistas e, por essa razão, trata-se de representações, que conjecturam uma imagem compartilhada que um coletivo possui sobre o outro, transformando uma realidade complexa em algo simples. Nesse sentido, havia, decerto, uma espécie de aspiração evolucionista para as manifestações populares, principalmente aquelas ligadas ao lazer, cujo improviso individual era tido como desprovido de sentido e desordeiro, enquanto as organizações coletivas eram mais relevantes e agregadoras. Nesse sentido, as atividades de lazer presentes no interior de clubes ou nas festas de rua não só deveriam representar a civilização como também o alcance da modernidade entre os hábitos da classe popular, a qual herdaria uma lógica associativa que desde o século anterior alimentara a formação de associações mutualistas e irmandades religiosas (PEREIRA, 2010).

Considerações Finais

De fato, Olavo Bilac coloca-se como grande fomentador na construção de representações sociais sobre as formas de diversão suburbana. Pautado por uma cidade fragmentada, reflexo do processo de estratificação espacial, seu discurso trilhou em direção ao cosmopolitismo e a civilização, associando-o às tensões que marcavam o desejo de adoção de um estilo de vida moderno. Por essa razão, nota-se uma tentativa de elucidar a relação desses fenômenos com sua construção cultural, na criação de estigmas e estereótipos em torno das práticas corporais suburbanas.

Assim, Olavo Bilac as retratava de forma indiferente, destacando sua suposta desordem, considerada um desserviço prestado ao progresso e a civilização. Foi a partir desse cenário que os discursos produzidos pelo autor parnasiano perpassavam pela

objetividade e subjetividade, pautado pela descontextualização e recontextualização das ações. Seus escritos traduziam sua visão de mundo, impregnado por estigmas que desqualificavam não só os moradores e seus divertimentos, como também o território em que eles ocupavam e habitavam. No entanto, por um lado, se essas ações eram indícios do conflito simbólico que se estendeu por anos no cenário de entretenimento, por outro, acreditamos que explicitavam a força do ethos existente na criação de identidade e pertencimento. Como lembra Moscovici (2004), a representação social desponta no momento em que existe ameaça para a identidade coletiva, quando o conjunto de conhecimentos submerge as regras que a sociedade se outorgou.

Ademais, a tarefa proposta pelo trabalho não esteve circunscrita à compreensão sobre o universo no qual o autor manuseia esteticamente sua própria realidade, mas em lançar um olhar minucioso sobre as reverberações de suas linhas, isto é, explorar múltiplas formas que uma narrativa ficcional transforma ou conduz o fluxo das práticas sociais dos indivíduos. Buscamos, dessa forma, contribuir para tornar mais plural nossas compreensões sobre as diversões suburbanas, possibilitando indagar a fundo as redes de sociabilidades fomentadas naqueles espaços, haja vista o seu protagonismo em ações objetivas e simbólicas, as quais permitiram diversificar e tencionar um sentimento de pertencimento e identidade local.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio; Zahar, 1997.
- BILAC, O. A dança no Rio de Janeiro. **Kosmos**, ano III, n. 5, maio, 1906a.
- _____. Chronica. **Kosmos**, ano III, n.10, outubro de 1906b.
- _____. Chronica. **Kosmos**, ano I, n. 3, março de 1904.

BRIGÃO, J.O que seriam os clubs se não fossem esportivos...**O Imparcial**, 26 de fevereiro de 1916.

FERRÉS, J. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FONSECA, V. M. M. **No gozo dos direitos civis**: associativismo no Rio de Janeiro (1903-1916). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARZANO, A. e MELO, V. Apresentação. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. In: MARZANO, A. e MELO, V. **Vida Divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

NOGUEIRA, C. M. A. **Cronistas do Rio**: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Caretta, 1915-1922). Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

PEREIRA, L. A. M. O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República. In: MARZANO, A. e MELO, V. **Vida Divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

ROMARIA a Penha. **O Paiz**, Rio de Janeiro 8 de out. de 1906, p.02.

SANTOS JUNIOR, N. J. **A construção do sentimento local**: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SANTOS JUNIOR, N. J. **A vida divertida suburbana**: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOIHET, R. Um debate sobre manifestações culturais populares no Brasil: dos primeiros anos da República aos anos 1930. **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 11-36, 2001.

VIDA social: festas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de out. de 1920, p.06.

Endereço do Autor:

Nei Jorge dos Santos Junior
V. Cesário de Melo, 2229 – Campo Grande
Rio de Janeiro – RJ – 23.052-102
Endereço Eletrônico: edfnei@hotmail.com